

Interações Sociais Construídas no Ensino Particular de Violino: uma revisão de literatura rumo ao referencial teórico

Comunicação

Antonio Chagas
UFBA/ UFCA
antonio.chagas@ufca.edu.br

Leila Dias
UFBA/ UFRN
leidias12@gmail.com

Resumo: O ensino particular de instrumento musical é uma prática comumente encontrada na vida de um músico. Esta atividade profissional, ao ocorrer em domicílio, traz consigo pontos relevantes, fruto da miscigenação entre o ambiente profissional e familiar, agindo sobre os papéis sociais ali representados. Tendo como abordagem metodológica o estudo de caso, este artigo é oriundo de uma pesquisa de doutorado que busca compreender as relações de ensino e aprendizagem musical construídas em uma aula particular de violino a partir das interações que ocorrem entre os envolvidos. Nele, será abordado a revisão de literatura rumo ao referencial teórico da pesquisa que emergiu das três palavras chave.

Palavras chave: Educação Musical. Aula particular de instrumento. Interações.

Introdução

Durante minha experiência com o ensino particular de instrumento na casa dos alunos, atendi por mais de 10 anos uma gama bem diversificada de pessoas, tanto no que se refere à faixa etária, que variava dos 4 aos 73 anos de idade; quanto nas expectativas trazidas por cada um deles.

Em casas ou apartamentos, as aulas aconteciam normalmente na sala de estar, por onde também transitavam outras pessoas, havendo assim interferências ocasionalmente. Às vezes, um pai parava para ouvir o que o filho tocava; uma mãe que trazia um lanche; um irmão que se aproximava ou até mesmo interrompia a aula por querer participar; um filho que exigia a atenção do pai naquele momento; uma visita inesperada de um amigo.

Alguns exemplos mais corriqueiros do público alvo dessa modalidade de Educação Musical são: adultos que guardavam o desejo de estudar um instrumento musical mas não puderam fazê-lo na juventude; de crianças que atendiam ao desejo de seus pais; idosos que

procuravam atividades para seu bem-estar; alunos que queriam aprender um conteúdo específico, tais como música da igreja, repertório de uma banda preferida ou até o tema de um jogo para videogame.

Diante disso, enquanto professor dessa modalidade, me sentia desafiado a fazer adaptações para atuar pedagogicamente, o que acabava sendo de muita valia, pois sempre estava em processo de aprendizagem. Esta diversidade de demandas, portanto, acaba sendo uma característica muito peculiar do ensino particular de instrumento já que não há um conteúdo determinado por uma instituição e sim um planejamento criado para atender às expectativas trazidas pelos alunos.

Diferentemente da experiência vivida em lecionar violino em alguma instituição, sentia que o ensino particular em domicílio se apresentava com um panorama diferenciado em diversos aspectos. O contato com a família do aluno era mais direto e as aproximações que surgiam eram mais relevantes do que somente a profissional. Sempre resultava em uma amizade, uma cumplicidade maior, uma troca de histórias entre os envolvidos.

Assim, na minha pesquisa de mestrado concluída em 2013 e agora no doutorado, me sinto estimulado a compreender melhor o fenômeno que envolve o ensino particular de instrumento. Um ambiente que tem seus costumes, suas regras, seus indivíduos, seus objetivos e comportamentos específicos, enfim, essa microssociedade alí existente.

Com base nisso, tenho como objetivo geral da pesquisa de doutorado compreender as relações de ensino e aprendizagem que se constroem em uma aula particular de violino a partir das interações que ocorrem entre os envolvidos. No entanto, para este artigo trago uma revisão de literatura rumo ao referencial teórico, abordado a partir de três palavras-chave: educação musical, ensino particular de instrumento e interação.

Revisão de Literatura rumo ao Referencial Teórico

Com a definição do tema, a revisão de literatura se coloca na frente da caminhada para que se possa conhecer as publicações que apresentam relação com a temática a ser pesquisada. Com isso, é possível compreender o Estado da Arte e efetuar uma “leitura crítica da literatura especializada” conforme afirma Freire (2010, p. 43).

Tratando desse assunto, Sampieri, Collado e Lúcio (2006) pontuam a importância do pesquisador conhecer a perspectiva de estudos anteriores tanto para desenvolver enfoques quanto para decidir caminhos de seus problemas epistemológicos:

Mesmo quando não adotamos a perspectiva dos estudos anteriores, e mesmo que tenhamos decidido desenvolver um enfoque diferente ou oposto ao já realizado, é recomendável saber como já foi investigado um fenômeno, evento, comunidade ou tópico. Caberá ao pesquisador decidir qual material pode ser útil para aprimorar ou gerar a formulação de seu problema de estudo (SAMPIERI, COLLADO e LUCIO, 2006, p. 52).

À medida que vamos nos aproximando da literatura atual do nosso objeto de estudo, podemos traçar um contorno mais definido do mesmo. Nesta perspectiva, Maura Penna (2015) afirma que a revisão bibliográfica visa “mostrar o que existe a respeito do seu problema; definir seu posicionamento, escolhendo qual perspectiva irá adotar; e explicitar os conceitos ou noções que são centrais para o seu projeto” (PENNA, 2015, p. 72-73).

A primeira palavra-chave: educação musical contempla a subárea da música a qual estou vinculado no PPGMUS/UFBA, sendo esta minha área de estudo e de pesquisa, e pela qual me sinto comprometido a participar do seu desenvolvimento epistemológico.

A segunda, ensino particular, comparece por ser esta uma pesquisa que busca aprofundar meus estudos de mestrado, olhando novamente para o contexto da aula particular de instrumento, dessa vez abordando questões mais relacionadas à dinâmica que envolve os atores dessa cena. Este campo empírico estimula minha curiosidade científica, sobretudo pela escassez de estudos anteriores que tenham desvelado a dinâmica desse fenômeno social tão presente no cenário musical.

Já a terceira delas, a interação, mostra a minha afinidade com as preocupações do Grupo de Estudo e Pesquisa Educação Musical, Interações e Cotidiano – EMIC, que lança um olhar sociológico para as questões da aprendizagem musical a partir das aproximações que acontecem entre os sujeitos envolvidos.

Ao estabelecer um diálogo entre estas três palavras-chave, faço uma composição que responde às minhas questões de pesquisa, e encontrando assim o refinamento necessário para a realização da mesma.

Portanto, ao olhar um grande guarda-chuva representando a área da Educação Musical, coloco o ensino particular de instrumento como protagonista, seguido do fenômeno social que ocorre entre professor, aluno e demais pessoas representando as interações, conforme demonstra a figura abaixo:

Figura 1 - Representação da relação entre as palavras-chave



Fonte: Próprio autor

Nessa figura, portanto, o panorama da pesquisa me conduz para uma abordagem teórica que possa contemplar o diálogo entre essas três palavras-chaves.

2.1. A Educação Musical

A Educação Musical, ao longo dos anos, vem ganhando cada vez mais representação no país enquanto área de conhecimento, especialmente a partir da criação da Associação Brasileira de Educação Musical - ABEM, em 1991, que promove encontros nacionais e regionais, alternando anualmente, e publica artigos em anais e revistas científicas. Assim, a ABEM além de ser a maior representante da área, desempenha o papel de atender as demandas acadêmicas e políticas dos educadores musicais no Brasil e no mundo. Também, houve um crescimento significativo de cursos de licenciatura em música assim como criação de programas de pós-graduação em várias universidades que abarcam a Educação Musical.

Com isso, as pesquisas nesta área vêm crescendo e “apresentando um desenvolvimento significativo como área de conhecimento acadêmico-científico” (DEL BEN, 2003, p.1). As temáticas, abordagens e metodologias vêm se ampliando de modo considerável. As correntes são diversas, fundamentando-se não só em teorias da própria Educação Musical,

mas também dialogando com as de sociologia, psicologia, pedagogia, antropologia, filosofia, história e muitas outras como bem defende Kraemer (2000).

Sobre a importância da delimitação da área de Educação Musical e as inter-relações com outras áreas de conhecimento, Souza (2000) também se posiciona:

[...] refletir sobre a delimitação do campo da educação musical como ciência ou área de conhecimento tem sido um desafio constante na literatura contemporânea específica. Este interesse está voltado para a construção de teorias explicativas na área de educação musical que partam de instrumentos e práticas metodológicas próprias. Daí a relevância de discussão sobre o objeto de estudo da área, a natureza do conhecimento pedagógico-musical e suas inter-relações com outras áreas do conhecimento (SOUZA, 2000, p. 49).

Nesta pesquisa, ao trabalharmos com o ensino particular de instrumento em domicílio, utilizaremos não só um olhar pedagógico-musical mas também sociológico. Para Souza (2004, p. 08) “os trabalhos com um viés sociológico, por exemplo, têm se debruçado sobre a construção social do significado musical”.

Por meio da catalogação dos trabalhos publicados nas revistas e nos anais dos congressos da ABEM de 2006 a 2012, efetuado por Mateiro (et al 2013), é possível identificar por meio da quantidade de publicações, quais são os ambientes mais pesquisados:

Quadro 1: Quantidade de pesquisas publicadas nas revistas e nos anais da ABEM entre 2006-2012

AMBIENTE	QUANTIDADE
Educação Básica	84
Projetos	57
Ensino Superior	55
Escolas	51
Bandas	26

Fonte: Próprio autor

Ao me deparar com esse panorama de espaços e publicações da área de Educação Musical, além da revisão de literatura realizada, observo que o ensino particular de instrumento ainda não ocupa um lugar de destaque, até mesmo pelo pouco reconhecimento

desse professor, conforme meus estudos de mestrado, e pela quantidade pequena de publicações e pesquisas encontradas, como será desenvolvido a seguir.

2.2. Ensino Particular de Instrumento

Um dos trabalhos que mais se destaca nesta temática é o de Adriana Bozzetto, em sua pesquisa de mestrado intitulada *O professor particular de piano em Porto Alegre: uma investigação sobre processos identitários na atuação profissional*. A autora se mostra sensível à condição do professor particular de piano tratando das questões atreladas ao ensinar em casa, à trajetória profissional e musical e às faixas etárias mais esquecidas pela sociedade como a dos professores de piano entre 62 e 73 anos.

A partir da pesquisa de Bozzetto (1999) podemos aproximar de outras investigações que também trataram do ensino particular de música.

Garcia (2011) no artigo “Processo de autoaprendizagem em guitarra e as aulas particulares de ensino de instrumento” discute a formação destes instrumentistas e suas relações com o ensino particular. Busca “refletir acerca dos processos que caracterizam a aprendizagem de guitarristas da cidade de João Pessoa, com ênfase na auto aprendizagem, levando em consideração as dimensões educacionais e culturais que alicerçam a formação desses músicos”.

Seu artigo é resultado de uma pesquisa anterior intitulada “O ensino de guitarra elétrica no contexto das aulas particulares” (GARCIA, 2010), onde verificou que a maioria dos guitarristas entrevistados tinham, inicialmente, o autodidatismo como principal forma de iniciação instrumental, recorrendo posteriormente à aulas particulares para adquirir conhecimentos específicos. Sobre isso, o autor reflete:

Nesse contexto, assim como os espaços e cronogramas são flexíveis, também são os conteúdos (instrumentos, repertório e conhecimentos teóricos) abordados, pois, na maioria dos encontros, tem-se por base os gostos e ambições musicais que partem dos alunos. Os objetivos das aulas são construídos no processo interativo, gerando um processo educativo, e as aulas se tornam possíveis devido a um acordo prévio entre educador e educando, o qual poderá ser quebrado quando os interesses divergem, independentemente dos cronogramas educacionais gerais da educação formal (GARCIA, 2011, p. 60).

Ele conclui entendendo que há uma união entre o autodidatismo e o ensino particular, onde o aluno aprende “perguntando, questionando, observando, reproduzindo e comparando seus professores, ídolos (modelos musicais), amigos e familiares”, juntando elementos formais e não formais de aprendizagem (GARCIA, 2011).

A pesquisa de Weiss e Louro (2011) intitulada “A formação e atuação de professores de acordeom na interface de culturas populares e acadêmicas” também faz referência ao ensino particular de instrumento, tendo como objetivo geral compreender os aspectos constitutivos da cultura profissional, destacando suas relações com culturas populares e acadêmicas, problematizando concepções pedagógicas (WEISS e LOURO, 2011, p. 132).

Esses autores buscaram estudos do ensino particular de instrumento, refletindo sobre a formação fora de instituições formais, considerando “os saberes da experiência que advém da prática pedagógica, da sua ação como docente, do seu relacionamento com os alunos, no contexto ao qual está inserido e onde ele se constrói” (BOZZETTO, 2004 apud WEISS e LOURO, 2011, p. 134).

Carey e Grant (2014), através de uma pesquisa que foi realizada com professores e estudantes de um conservatório de música na Austrália, publicou “Perspectivas do professor e do aluno sobre a pedagogia um a um: práticas e possibilidades” que explora a personalização do ensino para o aluno; a relação professor aluno; questões relacionadas à dependência e auto-suficiência do aluno; e o ensino individual no contexto institucional” (CAREY e GRANT, 2014, p. 05).

Bjontegaard (2014) analisou como uma professora de trompa tem organizado suas aulas semanais tanto em formato individual, como em pequenos grupos e *masterclasses* com os mesmos alunos. Em seu trabalho intitulado “Uma combinação de ensino individual e ensino em pequenos grupos na educação musical superior na Noruega - um bom modelo para o ensino?” (BJONTEGAARD, 2014) apresenta a divisão das atividades, onde cada aluno tem semanalmente 45 minutos de aulas individuais, 60 com um pequeno grupo de três ou quatro e uma *masterclass* de 90 minutos com os mesmos só que alternando o executante. Além disso, outra aula de 90 minutos com variados instrumentos de sopros.

Mesmo tratando de instrumentos musicais diferentes e públicos diversos, a aproximação com esses cinco trabalhos me trouxe considerações importantes sobre o Ensino

Particular de Instrumento, na medida em que posso ter uma visão mais ampla do tema e na medida em que vejo as preocupações de meus pares, ainda que seja cada um com sua peculiaridade de instrumento e de olhar investigativo.

As pesquisas de Bozzetto (1999) e de Bjontegaard (2014) se assemelham pelo fato de ambas terem observado como as aulas de instrumentos eram organizadas em seus campos empíricos. Olharam a forma de planejamento de cada aula, e perceberam o cuidado em atender as demandas específicas de seus alunos. Para mim, esse cuidado traz o diferencial que pode ser observado no ensino particular de instrumento, mas somente quando o professor está sensível às expectativas trazidas.

Conforme considerado por Weiss e Louro (2011) e Garcia (2011), alguns alunos iniciam seu estudo musical de forma autodidata, recolhendo e pesquisando informações por conta própria. Contudo, após certo tempo, buscam professores particulares para a obtenção de conteúdos mais específicos. Isso revela o papel que o professor particular desempenha no contexto da educação musical, atendendo uma significativa parcela da sociedade.

Bozzetto (1999) ao ter pesquisado somente professores de piano acima de 60 anos, se diferencia da minha pesquisa tanto no instrumento em questão quanto na seleção de uma faixa etária exclusiva. Todavia, a semelhança entre nossas pesquisas estão no olhar para os acontecimentos ocorridos durante a aula, em seus detalhes, assim como na compreensão da gênese das ações ali presentes. Bozzetto olha as Identidades Profissionais e eu as Interações que acontecem ali. Ou seja, ambos buscam compreender as dinâmicas psico-sociais dos indivíduos envolvidos no ensino particular de um instrumento musical.

Carey e Grant (2014), mesmo não se tratando do ensino particular em domicílio, se aproximou dos estudos de Bozzetto (1999) já que as duas pesquisas, assim como esta, se preocupam com a relação existente entre aluno e professor nas aulas tutoriais, ou seja, um professor para um aluno.

Este campo empírico, portanto, retrata um fenômeno social pouco olhado pela academia mesmo sabendo que este representa uma produção de músicos importante para a formação de bandas e orquestras assim como para outros fins de maior ou menor relevância na sociedade contemporânea.

2.3. Interações Sociais

A partir do momento em que esta pesquisa se propõe a ter um olhar sociológico sobre o ensino particular de instrumento, mais especificamente o violino, julgo necessário entender o que se pesquisou até os dias atuais sobre as interações que são construídas nas relações de ensino e aprendizagem onde esse fenômeno sócio-musical acontece.

Sobre esse tema, considero “a educação como processo de estudo sociológico”, onde este “faz parte e influencia a realidade social” (DELORENZO NETO, 1977, p. 107).

Kraemer (2000) em seus estudos, atribui o valor social que a relação do homem com a música promove em seus diversos contextos:

A sociologia da música examina as condições sociais e os efeitos da música, assim como relações sociais, que estejam relacionadas com a música. Ela considera o manuseio com a música como um processo social e analisa o comportamento do homem relacionado com a música em direção às influências sociais, institucionais e grupos (KRAEMER, 2000, p, 57).

Como exemplo de pesquisa que busca sensibilizar o olhar sobre os processos de interação existentes em uma prática musical, destaco a tese de doutorado intitulada “Interações nos processos pedagógico-musicais da prática coral: dois estudos de casos” de Leila Dias que buscou “compreender as interações nas dinâmicas de ensino e aprendizagem em duas práticas corais, na cidade de Porto Alegre, RS, e como essas interações se reproduzem na vida dessas pessoas, dando origem a novas sociabilidades para além da prática coral.” (DIAS, 2011, p. 05). Esta pesquisa analisa a relação face a face entre os indivíduos e sua influência, tanto em processos musicais como em extramusicais, auxiliando na compreensão de um aprendizado que transcende as aulas de música.

A pesquisa de Dias (2011) traz um olhar sobre o processo de interação entre indivíduos no meio musical, tendo como principal base teórica os trabalhos de Goffman (1988, 1975 1967). Além disso, usa-se do aporte de Schütz (1984, 1974) para a prática musical coletiva e de Bauman (2003) para uma melhor compreensão do sentimento de solidão proveniente da perda de alteridade. Assim, mesmo minha pesquisa não tratando de práticas musicais coletivas, os estudos da autora trazem contribuições relevantes sobretudo no quesito da microssociologia.

Simões e Álvares (2013) realizaram uma pesquisa quantitativa através de uma análise observacional sistemática da interação professor/aluno de três aulas coletivas de violão, tendo como referencial teórico Erbes (1972), utilizando-se o “Sistema de Observação de Interação de Ensaio” - *RIOS*. Neste trabalho, eram registrados cada comportamento em tempos padronizados, identificando momentos de início e término da interação que acontece entre os envolvidos a partir do diálogo. Nos meus estudos, ao utilizar como base o pensamento de Goffman, emprego o conceito de interação que já inicia a partir da copresença de dois ou mais envolvidos, mesmo se nenhuma comunicação verbal se estabeleça. Com isso, a inexistência de interação em um ambiente compartilhado por indivíduos seria pouco considerada pelo autor.

Além destes, um dos primeiros trabalhos que buscou compreender a relação, ou mais especificamente, a interação entre professor e aluno na aula de música data do final da década de 1960, conforme indicam os estudos de Paul e Ballantine (2002)

A obra de Rumbelow intitulada *Música e Grupos Sociais: uma Abordagem Interacionista da Sociologia da Música* (1969), foi a vanguarda deste movimento. Ele usou as teorias de interação simbólica de Mead para desenvolver conceitos do "gesto musical" como um fenômeno social e discutiu interações entre estudante-professor e o papel do músico na educação musical. (PAUL e BALLANTINE, 2002, p.570)

Ao tratar da temática “interação”, muitos trabalhos de educação musical utilizaram conceitos e ideias defendidas por Goffman, com destaque para o artigo intitulado “Audiência como ajuntamento social: interações na performance musical” de Fábio Henrique Ribeiro (2013). Neste, os conceitos de Goffman sobre os comportamentos em lugares públicos são utilizados para se compreender as interações ocorridas na performance musical de dois grupos de Congados no Estado de Minas Gerais. Ele também se utiliza de conceitos específicos como: ajuntamento social, reconhecimento cognitivo, reconhecimento social e engajamento social, o que possibilitou uma perspectiva mais aprofundada da performance.

As interações sociais, embora permeando nossa vida de maneira óbvia, há que se olhar cientificamente para elas nas diversas situações e contextos, com vistas ao aprimoramento das posturas humanas e, aqui de modo especial nas posturas pedagógico-musicais.

Percebe-se assim a preocupação desses pesquisadores com os aspectos musicais pedagógicos e sociais que estão presentes na aula de música, que vão além da estética ou da

pura transmissão de conhecimento musical. As novas sociabilidades criadas a partir das interações, conforme estudado por Dias (2011); a troca de informações entre professor e aluno por meio do discurso, da linguagem corporal e da própria música no processo de ensino e aprendizagem apresentadas por West e Rostvall (2003); os novos papéis assumidos pelos professores, conforme Mattos (2014); e a mutualidade da interferência no comportamento intermediado pela interação, explicado por Ribeiro (2013) trouxeram reflexões e fontes significantes.

Essas reflexões se baseiam na premissa de que a aula de música é um fenômeno muito mais complexo já que ela não se baseia apenas nos conteúdos transmitidos mas sobretudo, nas relações que são construídas, nas novas sociabilidades, nas trocas de saberes.

Goffman se interessava, desde o início de sua carreira, com o que se passa quando há copresença de duas pessoas, sendo isso justamente o ponto central do meu objeto de estudo. Durante uma aula particular de instrumento, pressupõe-se que haja uma interação peculiar, fruto do processo de ensino e aprendizagem ocorrido naquele momento.

O impacto das pesquisas de Goffman foi tão grande para diversas áreas que atualmente há um arquivo virtual denominado Erving Goffman Archive, hospedado na Intercyberlibrary, criado pelos professores Sherri Cavan e Dmitri Shalim, da Universidade de Nevada – Las Vegas. O intercyberlibrary disponibiliza acesso à textos, reportagens, entrevistas, memoriais, biografias, críticas, pesquisas e documentos de diversos estudiosos que se debruçam sobre interação, incluindo do próprio Goffman.

Segundo Scott (2009), “Goffman é dos mais famosos proponentes da ‘microsociologia’, termo que ele cunhou para descrever seu interesse na interação social e seus efeitos sobre a identidade individual” (p. 129). Sua observação cuidadosa e prolongada de momentos de encontros entre as pessoas trouxe novas reflexões e compreensões do comportamento humano.

Erving Goffman tem sido suporte teórico de diversas áreas de conhecimento. Na área de educação musical, ao efetuar um levantamento bibliográfico em anais de eventos científicos, revistas específicas, dissertações e teses, foram encontrados vinte trabalhos que referenciaram Goffman. As temáticas destes trabalhos estavam atreladas ao contexto hospitalar; à portadores de necessidades especiais e ao processo de interação, relacionado

respectivamente aos livros: Manicômios, prisões e conventos (1974); Estigma (2004); e A representação do Eu na vida cotidiana (2013). Na temática sobre interação social e o comportamento das pessoas, além deste último livro citado, acrescento o Ritual de Interação (2013) e Comportamentos em Lugares Públicos (2010).

O livro “A representação do eu na vida cotidiana” foi publicado pela primeira vez em 1985. Nele, Goffman relaciona a vida real a uma representação teatral, onde os indivíduos assumem diferentes papéis a depender de cada ambiente e das pessoas que estão nele presente. Com isso, faz uma analogia ao palco teatral e aos bastidores, sendo que o primeiro remete ao comportamento quando as pessoas estão sendo observadas por outras e o segundo caso, há possibilidade do indivíduo se comportar mais livremente, já que sofre influência da copresença do outro.

No livro Ritual de Interação, o autor apresenta uma profunda reflexão sobre a interação face a face entre pessoas em um ambiente natural. Assim, busca compreender “as relações sintáticas entre os atos de pessoas diferentes mutuamente presentes umas às outras” (GOFFMAN, 2012 p.10).

O autor traz reflexões sobre as inúmeras unidades de interação, ou seja, olhadas, gestos, posicionamento e enunciados verbais que as pessoas realizam durante o momento em que estão presentes no mesmo espaço. Para ele, deve-se atentar tanto com os menores sinais possíveis como movimento fácil até maiores contatos diretos (Ibdem).

Através desta reflexão minuciosa sobre o comportamento das pessoas, Goffman adquiriu reconhecimento e admiração de muitos pesquisadores, dentre eles, Bourdieu:

Através dos indícios mais sutis e mais fugazes das interações sociais, ele [Goffman] capta a lógica do trabalho de representação; quer dizer, o conjunto das estratégias através das quais os sujeitos sociais esforçam-se para construir sua identidade, moldar sua imagem social, em suma, se produzir: os sujeitos sociais também são atores que se exibem e que, em um esforço mais ou menos constante de encenação, visam a se distinguir, a dar a "melhor impressão", enfim, a se mostrar e a se valorizar (BOURDIEU, 2004, p. 12).

Assim, os momentos ganham relevância na situação e na reflexão sobre o comportamento dos indivíduos, não tendo assim “homens e seus momentos. Em vez disso, momentos e seus homens (Ibdem).

O livro “Comportamentos em lugares públicos,” publicado pela primeira vez em 1967 com o intuito de apresentar uma profunda análise sobre os comportamentos dos indivíduos durante a copresença de pessoas no mesmo espaço, foi um dos pilares para a realização da análise desta pesquisa. Por meio dele, pude refinar o olhar em relação aos comportamentos que os indivíduos têm por conta da interação.

Considerações Finais

Dialogar com o ensino particular de instrumento na perspectiva da educação musical e olhar para as interações nesse cenário sócio musical me faz refletir de modo mais sensível para um segmento da experiência humana que também pode vir a ter seu protagonismo. Há, desse modo, uma esperança que essa pesquisa contribua com a área de educação musical e até mesmo com outras áreas a sensibilizarem seus olhares.

Referências

BJONTEGAARD, Bjorg Julsrud. A combination of one-to-one teaching and small group teaching in higher music education in Norway – a good model for teaching?. *British Journal of Music Education*. V. 32.1. Cambridge. 2014. p. 23-36.

BOURDIEU, Pierre. Goffman, o descobridor do infinitamente pequeno. IN: GASTALDO, Édison. *Erving Goffman: desbravador do cotidiano*. Porto Alegre. Tomo Editorial, 2004. p. 11-12.

BOZZETO, Adriana . *O professor particular de piano em Porto Alegre: Uma investigação sobre processos identitários na atuação profissional*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre. PPGMUS/UFRGS. 1999.

CAREY, Gemma; GRANT, Catherine. Teacher and student perspectives on one-to-one pedagogy: practices and possibilities. *British Journal of Music Education*. V. 32.1. Cambridge. 2014. p. 5-22.

DELORENZO NETO, Antonio. *Sociologia aplicada à educação*. 2 ed. São Paulo. Duas Cidades. 1977.

DIAS, Leila Miralva Martins. *Interações nos processos pedagógico-musicais da prática coral: dois estudos de caso*. Tese de Doutorado. Porto Alegre. PPGMUS/UFRGS. 2011.

GOFFMAN, Erving. *Comportamentos em Lugares Públicos: notas sobre a organização social dos ajuntamentos*. Tradução de Fabio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis-RJ. Vozes. 2010.

_____. *Ritual de interação: ensaios sobre comportamentos face a face*. Tradução de Fabio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis-RJ. Vozes. 2012.

_____. *A Representação do eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis-RJ. Vozes. 2013.

MATTOS, Sandra Carvalho. O professor de música como tutor de resiliência. Anais do XXIV Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música. São Paulo. 2014.

SIMÕES, Alan Caldas; ALVARES, Sérgio L. de Almeida. A descrição da interação professor-aluno em selecionadas aulas coletivas de violão: Uma análise observacional a partir do sistema RIOS. *Anais do XXIII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música*. Natal. 2013.

SCOTT, Susie. Erving Goffman. IN: SCOTT, John. *50 grandes sociólogos contemporâneos*. Tradução: Renato Marques de Oliveira. São Paulo. Contexto. 2009. P. 129-134.

WEST, Tore, ROSTVALL, Anna-Lena. A study of interaction and learning in instrumental teaching. *International Journal of Music Education*. May. 2003.